

Teoria do Conhecimento I – módulo 27

No módulo 26, concluímos a apresentação da Teoria Metafísica do Conhecimento, resumindo os conceitos básicos que a sustentam. Com isso, ficam esclarecidos os pressupostos que estaremos assumindo, toda vez que adotarmos o modelo dimensional como referencial cognitivo, em procedimentos de análise e de interpretação do mundo. Trata-se de uma questão de economia do discurso: toda vez que falarmos em algoritmo da criação ou em modelo dimensional, estaremos assumindo uma concepção de mundo e de teoria do conhecimento específica, cuja base conceitual encontra-se resumida no módulo 26, sem necessidade de repeti-la.

A maneira científica de testar uma teoria é aplicá-la a casos concretos e avaliar os resultados que, no caso de uma TC, são interpretações da realidade. Antes de fazê-lo, porém, cumpre ter em mente que estaremos adotando um novo modo de olhar, distinto do que habitualmente temos adotado. Como filhos de uma civilização científica, de molde cartesiano e einsteiniano, temos o hábito de olhar o mundo com os olhos orgânicos, cujo alcance limita-se ao âmbito do espaço e do tempo, o qual é a atual localidade da ciência. O modelo dimensional facultava-nos um olhar cognitivo que se estende a cinco diferentes planos existenciais, indo além do espaço e do tempo. Logo, o que vai revelar-se aos olhos da mente há de causar naturalmente certa estranheza, principalmente no princípio.

Retomemos o nosso tema inicial do módulo 1, relativo à origem hominídea do *Homo sapiens*. Quando se entende que o *Homo sapiens* resultou de mutação biológica do hominídeo e que essa mutação proporcionou capacidade cognitiva superior, não se pode entender essa passagem como se fosse a transposição de uma fronteira geográfica entre dois estados. Sob a perspectiva ontológica do modelo dimensional, o primeiro *Homo sapiens* representou, sim, nova totalidade e nova natureza, originadas por movimento transcendental que se destacou dos precedentes, porque era dotado de potencialidades cognitivas superiores e, nesse sentido, apareceu algo novo. Porém, sendo a própria capacidade cognitiva também moldada em estágios ontológicos crescentemente complexos e caracterizando-se competência cognitiva superior, pela manifestação de capacidade intelectual ou de discernimento superior, parece prudente e realista entender que a mutação biológica, isto é, o fato genético em si, apenas deu a partida, apenas deu início a um processo transformador que, para realizar-se plenamente, implica certo tempo de maturação.

Com isso, não parece adequado colocar hominídeo e *Homo sapiens* lado a lado, separados com uma linha, como se tivesse ocorrido uma transformação instantânea. Essa compreensão leva à pergunta sobre o infeliz destino dos hominídeos que, virtualmente, teriam sido exterminados. Parece mais adequado pensar que havia hominídeos mentalmente estagnados, no estágio mental comum aos demais animais, e que, de repente, surgiu um hominídeo mentalmente evolutivo, capaz de potencializar uma espécie completamente diferente: o ser humano. Nessa perspectiva, não precisamos pensar em extermínio pontual do hominídeo primitivo, mas em sua paulatina absorção até o completo desaparecimento, na leva daqueles dotados das novas potencialidades. Nesse caso, estamos diante de um processo paulatino de transformação e de conquista de uma condição tipicamente humana. Esse processo pode ser sintetizado tal como mostra a Figura TC 07, a seguir.

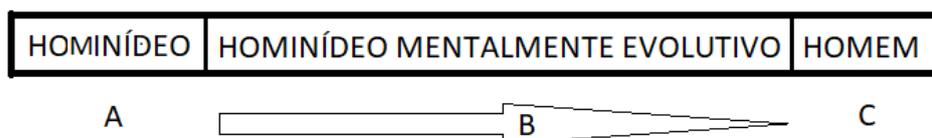


Figura TC 07: A passagem de hominídeo a homem.

Se a condição humana se destaca por certa realização mental, estamos diante de um processo de evolução mental que, partindo do hominídeo original, estende-se até alcançar uma condição tipicamente humana, envolvendo três fases distintas: A, B e C.

O que o modelo dimensional nos sugere nessa figura é que não há um salto da fase A para a fase C. Entre elas, existe uma fase evolutiva B indispensável para a adequada formação e maturação do fenômeno humano. Ao se visualizar assim o processo, imediatamente, emerge a questão de saber o que tipifica e caracteriza exatamente cada uma das fases e, também, o que divide ou separa uma fase da outra.

Mas isso teremos de contemplar no próximo módulo.